

AKWAEKE EMEZI

Você fez 
a morte de
 **tola com**
sua beleza

TRADUÇÃO DE LÍVIA PACINI



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023



Capítulo Um

Milan foi a primeira pessoa com quem Feyi transou depois do acidente.

Eles se pegaram num banheiro, numa festa no *Memorial Day* na casa de alguém, em Bushwick, a taça de Feyi derramando prosecco na pia enquanto Milan passava as mãos por trás das suas coxas e a erguia na bancada. Em volta deles, azulejos de granilite tingidos de sangue pela lâmpada vermelha que alguém tinha atarraxado no teto e uma cortina de linho pendurada na banheira, forrada de folhas de costela-de-adão. Feyi jogou a cabeça para trás, a boca dele na sua garganta, com suas longas *box braids* cor-de-rosa se espalhando em cima da torneira, as pontinhas mergulhando na bebida borbulhante.

— Me fala se quiser que eu vá com calma — disse Milan, com a voz toda enrolada, tomada de desejo. — Sei que a gente acabou de se conhecer e tal.

Ele falou como se aquilo importasse ou como se fosse um motivo para parar, em vez de uma razão para ir mais rápido. Feyi tinha topado com ele no *rooftop*, quando a festa estava bombando. Ela gostou de como o olhar dele a seguia, da altura dele, dos ombros largos. A melhor amiga dela, Joy, se aproximou, dando os braços a Feyi.

— Nossa, olha aquelas pernas! — sussurrou. — Coxas grossas pra *cacete*. Vou precisar que ele dê uma voltinha pra eu conferir aquela bunda.

Feyi revirou os olhos.

— Ainda bem que você não tem pau — falou. — Você seria um perigo pra sociedade.

— Se eu tivesse pau, aí é que teria *ainda mais* interesse na bunda dele — rebateu Joy.

— Retiro o que disse. Você já é um perigo pra sociedade. — Feyi deu mais uma olhadinha nas coxas em questão. — Além disso, é só usar uma cintaralho, você tá ligada.

— Não, não é a mesma coisa. Quero sentir ele me *apertar*. — Joy fechou os dedos para ilustrar o aperto, e Feyi sufocou uma risada, as suas tranças escorregando pelas clavículas. Milan olhou na direção das duas, encontrando o olhar de Feyi e sorrindo para ela do outro lado do *rooftop*.

Feyi já tinha decidido quem queria ser naquela noite, então devolveu o olhar com descaramento, deliciando-se naquela pele terracota e na barba escura e acobreada. Quando ele assentiu para os amigos e começou a ir em direção a ela, Joy soltou um gritinho e desapareceu, deixando os dois sozinhos. Feyi queria ir direto ao ponto, abreviando conversas inúteis, então tocou nos botões da camisa dele quando ele chegou perto o bastante.

— Você é gostoso — disse, antes que ele pudesse abrir a boca. — Tá saindo com alguém?

Um lampejo de surpresa passou pelo seu rosto, mas Milan se recompôs em um piscar de olhos.

— Que nada — respondeu, inclinando a cabeça para o lado e encarando-a. — Você tá?

Por um instante, houve pneus cantando e vidros se estilhaçando em um ruído insano, as pétalas macias de lírios brancos e um pedaço de terra se desfazendo entre as mãos de Feyi, mas ela tratou de espantar tudo aquilo como se espantasse uma mosca.

— Solteira — falou em resposta, se achegando a ele. Ele tinha cheiro de chuva e tangerina. — E, como dizem por aí, na pista pra negócio.

A frase teria sido tosca se ela não fosse tão linda, e Feyi sabia disso — ela sabia direitinho como deixar os lábios carnudos e vermelhos entreabertos, como olhar para ele por baixo dos cílios volumosos e negros, como

usar um tom de voz altamente sugestivo. Não passava de um jogo, de uma fórmula simples, e não tinha problema nenhum lançar essas cartadas. Além de tudo, se ela pensasse a fundo em toda aquela coisa, nada importava de verdade. Ele tinha um tipo diferente de beleza e isso bastava.

Ela e Joy estavam bebendo desde o almoço, mas Feyi ainda não tinha ficado bêbada, só um pouco alta, o suficiente para escolher voltar à ativa com aquele corpo. Pelo jeito que o estranho, cor de terracota, tinha posto a mão na sua lombar, aconchegando-a contra ele, parecia que tinha topado. Joy estava em algum lugar perto do bar, certamente contendo a alegria ao ver Feyi dar um passo tão atrevido.

— Me chamo Milan — disse o estranho, a sua boca larga e deliciosa se curvando em um sorriso descontraído.

Precisamos mesmo de nomes? Feyi pensou, sem deixar de devolver o sorriso, os dedos abertos no peito dele, sentindo seu coração bater com força e firmeza sob a palma da mão.

— Sou Feyi.

Milan olhou em volta.

— Quer sair daqui?

Legal. Ele tinha entrado direitinho no jogo, sem hesitação, sem pudor.

— Só se for aqui perto. Vim com a minha amiga.

Ele concordou com a cabeça e olhou para Joy. Milan estava tão próximo que sua respiração acariciou a pele de Feyi, que também conseguiu ver as pintinhas escuras salpicando seus olhos castanhos quando ele voltou a encará-la, fixando o olhar nos lábios dela. Quando falou de novo, foi com um tom de voz baixo e rouco.

— Lá embaixo?

Feyi ergueu a sobrancelha, fingindo que não se incendiava de desejo com o fósforo que o desejo dele acendia. Ele a *queria* tanto que só perguntava o fundamental.

— Você é prático. Gosto assim.

Milan segurou a mão dela, e os dois saíram do *rooftop* se espremendo entre as pessoas na escada e depois foram se esquivando pelos cantos conforme ele a conduzia para o banheiro. Feyi observou os músculos das costas dele se mexendo sob a camisa enquanto ele fechava a porta e passava a chave, e depois, quando se virou, reparou no seu olhar de cautela.

— Então... — disse ele, dando espaço, sem fazer suposições.

Que fofo. Tão desnecessário. Feyi não precisava pensar naquilo. Ela pôs a bebida na bancada e puxou a blusa por cima da cabeça, prendendo brevemente as tranças cor-de-rosa no tecido preto, revelando os seios cobertos por nada além de um fino sutiã, pequenas argolas douradas pressionando a renda transparente.

O estranho — *Milan* — inspirou com força, os olhos acesos de desejo.

— Você é bonita pra caralho — grunhiu, ainda mantendo a distância. — A sua pele, ela... bebe toda a luz.

Feyi sorriu e não disse nada. Ela se aproximou, baixou o rosto dele em direção ao seu, a boca dele à sua, a língua pronta dele à sua. Ele a agarrou com avidez, afundando as mãos na carne dela, seus quadris pressionando um bastão de ferro contra a barriga dela. Feyi se sentiu um monstro e uma traidora, mas tudo bem, tinha que acontecer.

Foi justamente para isso que ela tinha vindo até aqui.

O ACIDENTE FOI HÁ CINCO ANOS, mas para Feyi era como se tivesse sido ontem e há uma eternidade ao mesmo tempo. Ela morava em Cambridge, perto da casa dos pais, mas depois não conseguiu mais encarar a estrada, encarar o volante ou o peso de tristeza e pena nos olhos da mãe sempre que as duas se viam. Então se mudou para Nova York, porque, se ela era um monstro, a cidade também era, gloriosa e iluminada e infinita, devorando o tempo e os corações e as vidas como se não fossem nada. Queria ser consumida pelo volume implacável de um lugar muito mais ruidoso do que ela, um lugar onde seu passado e sua dor pudessem se afogar no barulho. Aqui, Feyi tinha como manter o nome e o rosto intactos, mas virando outra pessoa, uma pessoa que recomeça, uma pessoa que não é assombrada. Ninguém em Nova York dava a mínima para a idade da tristeza guardada atrás de seus olhos e nas curvas pequenas de seus sorrisos. Ela não tinha que dirigir e podia chorar no metrô sem ninguém olhar nem ligar, porque ela não importava, e era um alívio enorme, de verdade, não importar mais.

Feyi foi morar em um prédio de tijolinhos vermelhos com Joy, sua melhor amiga da faculdade, e pagou com o dinheiro do seguro de vida, tentando ignorar a morbidez daquilo. Todo mundo disse que era o que ele ia querer, mas ela tinha certeza de que ele ia querer viver. Quase ninguém entendia o que eles queriam. Feyi não queria a grana, mas precisava dela, daquele cheque obscuro, e talvez precisasse até da culpa que vinha junto. Era uma punição que pareceu necessária, uma forma de equilíbrio. Ele estava morto, e ela, o que fazia? Continuava viva, fazendo arte. Que fútil.

Elas moravam em um quarteirão verde e ensolarado, passando a esquina da loja de plantas de Baba Yusuf e do restaurante que vendia comida típica de Trinidad e Tobago em horários inconsistentes. As duas fumavam baseados na saída de incêndio, e Joy convenceu Feyi a pintar o cabelo de rosa.

— Agora você está no Brooklyn — disse, na época. — Experimente um visual diferente. Não é nada de outro mundo.

Havia algo diferente no ar daquele primeiro verão que fez Feyi entrar na onda. Ela alugou um estúdio no quarteirão seguinte para trabalhar. Por mais grotesco que fosse, nada do que pintava ou costurava podia causar tanto mal quanto sua própria vida tinha causado. Feyi começou a ter esperança de que seu passado pudesse desaparecer, esvaecendo como uma música antiga, transformando a tristeza em nada mais que uma camada vaga sob sua pele. Só restaria seu resíduo, que lhe daria certa melancolia picante e inexplicável cujo aroma alguns homens conseguiriam detectar, e que atizaria a vontade deles de salvá-la. Feyi sabia que já era tarde demais para aquilo tudo, então recuou e se esquivou de suas garras, de suas bocas famintas. Preferia a cidade, como uma espécie de entidade — ela não ligava para quem você era ou para seu problema; devorava a todos sem distinção.

Quando o calor chegou de vez na forma de uma onda de ar úmido, Feyi se sentiu seduzida a ser uma desconhecida e descobriu que era só o que queria. Ela e Joy alugaram um carro e foram para Riis Beach, fazendo topless no sol sob camadas de café e óleo de coco até a pele ganhar um tom profundo de marrom e dourado. Joy raspou a cabeça por impulso e tatuou um ponto preto sob cada olho. Feyi fez um piercing em cada mamilo e trançou os cabelos cor-de-rosa até a cintura. Elas desativaram as notificações, pediram comida, redecoraram o apartamento com plantas e

começaram a fazer pizza todo sábado. Nada podia detê-las de ser o que lhes desse na telha.

— Você acha que estamos vivendo uma crise dos 25? — perguntou Joy uma vez, enquanto enrolava um baseado na sala de estar.

— Pra começar, já passamos um pouco dos 25 — respondeu Feyi. — Em segundo lugar, acho que só estamos descobrindo como sobreviver em um mundo em chamas... Que não é um crime estar vivo.

Joy olhou para ela com um sorriso terno.

— Estou orgulhosa de você — falou. — Sei que não é fácil falar isso.

Ela não estava errada. Não era fácil para Feyi fazer um monte de coisas, mas agora, com os beijos de Milan, que a espremia contra o espelho, Feyi descobriu que não estava tão abalada quanto esperava. Ela seria um monstro e uma traidora, mas apenas se outra pessoa estivesse viva, e ele não estava. Tinha que ficar se lembrando de que ele não estava. Feyi ainda achava errado, sim, mas de uma forma desconhecida, o que fazia sentido, já que ela tinha se tornado uma desconhecida, e leva tempo para se tornar uma pessoa nova. Se ela deixasse tudo para lá e só existisse aqui e agora, sem um passado, ficaria fácil. Na verdade, ficaria divertido.

— Estou falando sério. — Milan arfou, puxando ar entre os beijos desesperados, as mãos quentes nas coxas dela. — A gente pode parar a qualquer momento. Me fala.

A batida da música atravessava as paredes, e Feyi desabotoou a calça jeans dele, deslizando a mão para dentro. Milan tinha brinquinhos de diamante nas orelhas, e sua respiração estava entrecortada ao encará-la.

— Não para — murmurou Feyi na boca dele, e Milan sibilou ao inspirar pesadamente quando os dedos dela o envolveram e o puxaram para fora.

— Tem certeza? — perguntou ele, e Feyi tentou não revirar os olhos.

— Que cavalheiro! — zombou, mantendo o tom gentil, e voltou a beijá-lo, passando a língua por entre seus dentes e o apertando com mais firmeza. Caramba, ele era *grosso*.

Milan fez um som áspero e subiu a saia dela até a cintura, comendo a pele dela com as mãos. Feyi ouviu um rasgão e riu de prazer ao ver sua calcinha fio dental de renda desfeita. Milan jogou as tiras delicadas para o lado e deslizou os dedos dentro dela.

— Deixa eu te compensar por isso — disse, curvando os dedos para a frente.

Nessa hora, Feyi gritou, arqueando as costas, e ele riu dentro de sua boca, ainda duro e latejando na mão dela. Ela tinha se esquecido da sensação — do frenesi, da maneira como o desejo quase tomava uma forma dentro dela: algo grande e barulhento e tão exigente. Tudo era apressado, perigoso, exatamente como ela queria, muito rápido para pensar, muito duro, muito molhado para se lembrar de algo ou alguém. Ela afastou a mão dele com um empurrão e aproximou a ponta da cabeça. Imprudente.

— Espera — disse ele. — Eu tenho uma...

Feyi envolveu os quadris dele com as pernas.

— Tudo bem.

Imprudente.

— Mas...

— Xiu. Aqui.

Ela o esfregou na sua umidade, e Milan conteve um palavrão na garganta ao perder totalmente o juízo.

— Ah, você é *malvada* — sussurrou, penetrando-a devagar, firmando compromisso com o erro deles. Ela começava a gostar disso nele, da forma como tomava decisões, abandonando a incerteza assim que a escolha estava feita.

A mente dela girou quando ele abriu caminho, flutuando no puro prazer. Feyi mordeu o ombro dele enquanto ele adentrava e choramingou quando ele começou a tirar, insuportavelmente devagar. Porra, fazia tanto tempo, como ela tinha aguentado tanto? Não é à toa que Joy ficava mandando ela ir transar.

— Mais rápido. — Ela arquejou, e Milan riu.

— Pede com educação.

— Ah, seu filho da mãe.

Ele tirou tudo para fora, e Feyi prendeu a respiração, a dor repentinamente rugindo furiosa.

— Pede com educação — repetiu, com um sorriso malicioso. — E eu te dou tudo o que você quiser.

Ela precisava que ele continuasse. Ele não entendia. Eram tantas as coisas que ela estava reprimindo.

— Por favor — implorou, cedendo. — Por favor, me foda.

O sorriso de Milan desapareceu na hora e algo sombrio tomou seu lugar, mas ele deu a Feyi o que ela queria, voltando a penetrá-la bem fundo em uma estocada forte. Ele passou os braços sob os joelhos dela, erguendo e abrindo suas pernas, e empurrou ainda mais fundo. Um som brotou da garganta de Feyi quando ele torceu um dos piercings em seu mamilo.

— Assim? — perguntou ele, observando-a gritar sem desviar o olhar.

Feyi pôs a mão no pescoço dele, envolvendo-o de leve, mal tocando a sua pele. Era quase perfeito.

— Mais forte — pediu com a voz falhando, e Milan atendeu, suas mãos deixando marcas, a saia dela amontoada e enroscada na joia que envolvia sua cintura, a calça dele abaixada até os tornozelos.

Ambos ainda estavam de sapato. Os saltos de Feyi se agitavam no ar por cima dos ombros dele, e ela não ligava para o barulho que fazia, não ligava se alguém conseguia os ouvir por cima da música e através da porta — porque lá estava, aquele espaço branco, sagrado e ofuscante, aquele nada causticante que a queimava viva, tão viva, nos braços dele, dois estranhos perdendo o controle, e ela o envolvia, implorava para ele continuar, e Milan continuava, com a voz se contorcendo em sons graves e descontrolados. Quando ele sussurrou um aviso e fez que ia tirar, Feyi agarrou seus quadris, mantendo-o bem lá no fundo e encostando os lábios na orelha dele. Os homens eram fáceis, bastava algumas chaves para abri-los, como uma senha rápida.

— Goza dentro de mim. — Ela soprou o apelo com a voz macia e obscena, como se implorasse, como se estivesse louca por ele, o que, de certa forma, era verdade.

Como eles já estavam fora de si e eram imprudentes e humanos, Milan praguejou, retorcendo o rosto, perdendo a noção, e a atendeu mais uma vez, empurrando o mais fundo que podia, gemendo contra o espelho, o azulejo e ela, a pele dos dois escorregadia de suor, esfregando-se uma na outra. Feyi sentiu outro orgasmo tomar seu corpo e o recebeu em toda sua displicência ilícita. Ela não falou o nome dele — naquele momento, nem mesmo se lembrava direito de qual era —, mas quando ele a beijou de novo, ela devolveu o beijo, e os dois ficaram imóveis por um tempo,

com as testas encostadas, tentando recuperar o fôlego enquanto o ar se assentava em volta deles.

— Desculpa. — Milan conseguiu dizer. — Eu não costumo... fazer isso.

Ele se endireitou e saiu de dentro dela, se virando para pegar papel higiênico e fechar a calça enquanto Feyi saltava da bancada e puxava a saia para baixo.

— Sem problemas — respondeu, pegando a blusa.

— Eu me deixei levar. Não devia. — Milan entregou um tanto de papel higiênico para ela, sem sorrir. — Eu sempre uso camisinha, em geral.

Claro. Feyi não comprou aquela balela; foi muito fácil convencê-lo.

— Estou tomando pílula — respondeu, já que era para entrar naquele jogo. — Eu não teria... você sabe. Se não estivesse tomando.

O rosto dele se iluminou de alívio.

— Ah, beleza. Legal.

Eles ficaram em pé se olhando por um instante, até Feyi jogar as tranças por trás dos ombros.

— Eu acho que preciso mijar — falou, feliz com o tom direto das palavras.

— Ah! Claro. — Milan se voltou para a porta, mas parou e virou de novo. — Na verdade... você me dá o seu telefone?

Feyi ergueu uma sobrancelha.

— Foi bom demais, né?

Milan riu.

— Só estou pedindo. Queria te chamar para sair assim que te vi lá em cima.

— E ainda quer?

Ele franziu a testa.

— Por que não ia querer?

Feyi deu de ombros.

— Sei lá. — Ela esticou a mão para ele entregar o celular e digitou o próprio número. — Manda uma mensagem se quiser.

Milan se aproximou para dar um beijo na sua bochecha, com os lábios macios como uma asa.

— Te ligo — disse, antes de fechar a porta do banheiro e ir embora.

A música da festa atravessou o vão da porta em uma rápida fatia de som, depois ficou abafada de novo.

Feyi subiu a saia e se sentou no vaso sanitário, ouvindo o xixi bater na água, com um meio sorriso brincando no rosto. O que foi aquilo que acabara de acontecer? Ela limpou o gozo dele e suspirou. Joy ia matá-la quando soubesse que tinha trepado sem camisinha, mas Feyi não sabia se conseguiria se explicar. Era fora de cogitação vê-lo gozar na própria mão ou na sua saia ou na coxa, aquele arco branco. Ela não suportaria ver, ainda não, não daquele jeito. Não queria ter uma imagem do troço daquele estranho como algo sórdido e usado, algo feio e frenético. Era melhor ficar perto, um colado no outro, com intimidade. Como se eles fossem alguma coisa. Como se aquilo fosse algo belo. Ela só precisou que não parasse, pois, caso se perdesse em Milan e na sua pele, caso não houvesse nada além do movimento de vaivém, forte e rápido, afastando todo o resto, então não haveria fantasmas.

Não haveria nenhuma lembrança de um homem de estrutura delicada com olhos amendoados e cachos trançados, nenhuma lembrança de como ele gostava de entrar e sair dela com gentileza e sem pressa, do som de sua voz ao sussurrar quanto a amava. Feyi balançou a cabeça e deu descarga, recolhendo a calcinha em farrapos do chão e jogando-a no lixo. Ela saiu pelo corredor e trombou justo em Joy, com suas pernas longas e lantejoulas roxas.

— Aí está você! Para onde você fugiu? Está pronta para vazar? Começaram a fazer carreirinhas lá em cima e, como você sabe, eu não perco tempo com esse tipo de merda.

Feyi abriu um sorriso.

— É, vamos embora. Chama um Uber?

— Já chamei, está a uns sete minutos daqui. — Joy olhou para o banheiro avermelhado por cima do ombro de Feyi. — Espera, você ficou aqui esse tempo todo? Com *ele*?

Feyi sorriu.

— Bom. Você *queria* que eu transasse.

— *Minha* vadia! — Joy jogou os braços em volta de Feyi e a apertou com força. — Nossa, você está com cheiro de sexo. Que orgulho!

— Tá, tá. Vamos dar o fora daqui.

Elas foram se esquivando e atravessando a festa até saírem da casa, empurrando as portas de entrada e escapando pelos degraus da escadaria.

Joy se deteve e sacou um maço de cigarros, passando um para Feyi.

— Você contou a ele? Você sabe...

Feyi acendeu o isqueiro e se inclinou, a chama florescendo em suas mãos.

— Contei o quê?

— Que é a primeira vez desde o acidente?

Feyi deu uma olhada rápida para ela.

— Se eu disse que não transei com ninguém nos últimos cinco anos?

— Ela deu uma tragada, jogou a cabeça para trás e assoprou uma pluma de fumaça no ar. — É claro que não! O que ia parecer?

Joy levantou as mãos.

— Estava só pensando.

— Uhum. — Feyi olhou para a rua escura e suspirou. Hora de abrir o jogo. — Mas você vai ficar puta.

Joy apontou um dedo na direção dela.

— Tá vendo? Eu *sabia* que estava bom demais para ser verdade. Que porra você aprontou? Se for safadeza, fala rápido, antes que o carro chegue.

Feyi gemeu. Aquilo ia ser desagradável.

— Tá, então o que aconteceu foi que...

— Hum.

— A gente meio que... não usou camisinha.

Joy se engasgou com a fumaça do cigarro.

— Vocês o quê?

Feyi deu um sorrisinho fraco.

— Calor do momento?

Sua melhor amiga apertou o maxilar.

— Me fala que ele tirou antes de gozar. Por favor, Feyi, me diz que sim, *pelo menos* isso.

Bem, ferrou.

— Eu uso DIU, lembra? Não é pra esquentar tanto a cabeça.

— Não é pra... Cara, você pirou? Você deixa ele te comer desencapado e deixa ele gozar dentro?

Feyi olhou para baixo e raspou o chão com o dedo do pé.

— Eu sei, eu sei.

— *Está na cara* que não sabe.

— Ei, foi a minha primeira vez desde então, você sabe. Me dá um desconto, caramba.

Ela reconheceu o olhar no rosto de Joy — sua melhor amiga estava travando uma batalha entre ter empatia e dar um esculacho completo nela.

— Sabe do que mais? — Joy respirou fundo e fechou os olhos. — Vou dar uma passada no mercadinho porque você está acabando comigo com essa merda. Não sai daqui, e se um Hyundai branco aparecer, faz ele esperar.

— Ah, então é assim? Você simplesmente corta o papo?

— Olha, não estou cortando porcaria nenhuma. Nós duas vamos ter uma longa conversa quando chegarmos em casa, quando eu parar de ter vontade de te jogar da escada, sua vaca. — Joy fuçou a bolsa, procurando uns trocados enquanto resmungava baixinho. — Como pode pôr pra foder uma noite perfeita deixando um cara que acabou de conhecer meter desencapado?

Feyi encolheu os ombros.

— Entendi que você não comprou a minha defesa do “calor do momento”?

Joy deu uma olhada rápida para ela, e Feyi escondeu um sorriso. Era duro bancar a arrependida quando, na verdade, ela se sentia maravilhosa, quando só de pensar no que havia acontecido no banheiro, sentia arrepios no corpo inteiro. Feyi se sentou no degrau quando Joy começou a andar e depois gritou para ela:

— Ei, amiga, pega um chiclete para mim lá?

Joy mostrou o dedo do meio sem olhar para trás.

— Não.

As luzes da rua se refletiam nas lantejoulas violeta do vestido até Joy entrar na loja, e, de repente, Feyi ficou sozinha, exceto pela presença da música distante que vinha da casa e da dor na parte interna das coxas.

Não era tão ruim assim, isso de estar do outro lado. Ela inspirou fundo e olhou para o céu, inclinando o corpo para trás para descansar os cotovelos nos degraus. Não havia estrelas, apenas uma lua borrada suspensa sobre os prédios de tijolinho. Feyi conseguia sentir a pulsação entre as pernas, um lembrete ritmado do estranho com diamantes nas orelhas e tangerina no pescoço. Por um segundo traiçoeiro, ela sentiu vontade de contar tudo a Jonah, para ouvir a sua risada suave mais uma vez. Ele perguntaria se ela tinha se divertido. Feyi apertou os cotovelos nos degraus de pedra para desviar o pensamento, com força para machucar. O verão estava começando, ela estava viva e muito perto de se tornar a pessoa que queria — alguém que tinha seguido em frente, alguém que não passaria a vida vestindo preto, alguém que Milan tinha segurado como se estivesse se dissolvendo dentro dela, como se ela fosse de carne e osso sob suas mãos famintas, sob a luz violenta da lâmpada vermelha. Alguém que trancou o prazer em um banheiro pequeno e o arrancou de dentro de si, uma massa suada e turva de vida em uma bancada de banheiro. Se ela conseguiu viver essa noite, era capaz de viver qualquer coisa — de viver o resto da vida, por exemplo.

— Você conseguiu — sussurrou para si mesma, a voz arranhando, o cigarro morrendo em cinzas entre seus dedos. — Você é capaz.

A música ia se dissipando da festa, e não tinha ninguém ali para responder nada. Feyi apagou a bituca e ficou esperando o carro chegar.

